

| | |
|--------------------------|----------|
| INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL | |
| data | / / |
| cod. | E4D00023 |

R.044/007

A AMAZÔNIA É BRASIL

Prof. Miguél Cruz e Silva

Antes de tudo, devo definir o lema "Amazonia é Brasil", que me foi, de público e por escrito, autorizado a usar pelo seu autor, o amazonólogo, jurista e imenso espírito humanista, que foi Aldebaro Klautau. Durante as décadas de 40 e 50, ele foi um dos ideólogos da Amazônia conquistada, liderando em Belém do Pará a intelectualidade que defendia a posse total da Amazonia. Todas as suas brilhantes conferências e discursos terminavam sempre com um brado varonil - Amazônia é Brasil.

Demonstrava Klautau que a Amazônia ainda se encontrava como um corpo estranho na consciência nacional. E dizia haver uma distinção entre dois brasis, que nos levava à ingente exortação pedrista, às orlas do Ipiranga, apartando em diretrizes opositivas - independência para uns e morte para outros. Foi por isso que nas décadas de 60 e 70 nos juntamos ao amazonólogo Arthur Cezar Ferreira Reis, canalizando todas as vozes da intelectualidade da Amazônia na afirmação uníssona : a Amazônia é Brasil."

Para enfrentar a orquestração internacional sobre a soberania da Amazônia, que se manifesta tanto hoje como se

manifestava ontem, em sistemáticas investidas de planos maquiavélicos contra o fabuloso território, há que se ter uma proposta que atenda aos altos interesses do desenvolvimento do país, e da humanidade, sem a predação selvagem de suas riquezas, porém sem estagná-la no atraso e no retrocesso.

A Amazônia é uma imensa plaina, indivizível e intocável; uma continuidade geo-sócio-econômica. Tanto o meio como o homem se pertencem. O homem não vive fora da Amazônia, que é o seu habitat privilegiado, e o meio deve abrigá-lo atendendo às suas totais necessidades.

Assim considerando a Amazônia é também internacional e os países amazônicos são o Brasil, a Venezuela, Colômbia, o Equador, o Peru, Bolívia, o Suriname e as Guianas. Todos a compõem em proporções diferentes de tamanho, de riquezas e de todas as suas potencialidades. Aí está um território quase continental, importante e sui generis, dentro do continente americano. Daí porque exigir-se a unidade de pensamento e ação desses países é criar uma consciência de auto-defesa de todo o continente da América Latina, pois os demais países latino-americanos sofrem também as influências e inter-dependências dos seus problemas econômicos e sociais.

A Amazônia brasileira, para efeito de desenvolvimento e estudo, foi denominada Amazônia Legal, e assim constituída: Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima, Pará, Amapá e parte dos Estados de Mato Grosso e Goiás, atual Estado de Tocantins. Resulta isso 59,39% do território brasileiro.

Nessa imensa região está o maior potencial de riquezas do mundo, ela totaliza a maior bacia hidrográfica, com 6,5 milhões de quilômetros quadrados, o que lhe assegura superioridade sobre as bacias hidrográficas do Congo, do Nilo, do Mississipi, do Missouri e Paraná (Paraguai), equivalente a 5/6 da Europa. Só no seu rio principal, o Amazonas, a navegabilidade soma quase 5.000 quilômetros, que reunidos aos dos seus outros rios, integrantes da bacia, elevam esse número para 50.000 quilômetros, quase o total da malha rodoviária brasileira, que é hoje de 70.000 quilômetros. Um mar gigantesco de água doce circula nesse organismo, vitalizando-o, nutrindo-o e fertilizando-o. Na sua paisagem física, a Amazônia oferece a exuberância de sua floresta tropical, que constitui a maior extensão continuada de todo o planeta Terra. Isso representa uma unidade maciça de riqueza vegetal, que, só no Brasil, representa 40% da área florestal do país. Já se deu à Amazônia uma população de 300.000 espécies diversas de vegetais. A fauna amazônica, rica também, está ainda por ser conhecida em sua totalidade, mas deve guardar as mesmas proporções de sua flora. Os peixes, os pássaros e os animais de pequeno porte asseguram as peculiaridades exóticas que o grau de riqueza da Amazônia encerra.

No tocante aos seus recursos minerais, repousa uma grande indagação, pois é ainda mistério o conhecimento global da extensão de toda a sua riqueza. Durante muito tempo, as riquezas do subsolo amazônico foram mantidas em total segredo, afirmando-se mesmo que a região era pobre em reservas de minérios. Hoje, o avanço tecnológico fez abortar as suas entranhas e delas surgiram — já não se pode esconder — as imensas reservas de petróleo, bauxita, manganês, ferro, ouro, diamantes, calcários e

até urânio. A despeito de tudo, a economia da Amazônia se realiza ainda sobre práticas primárias, marcadas pela extração predatória e clandestina dos interesses subterrâneos.

As imensas jazidas de depósito de ferro, manganês, alumínio, cobre, níquel, ouro, estanho, tungstênio, calcário, caulim, petróleo e prata são patrimônio brasileiro inegociável, no entanto, já estão a mercê de grupos internacionais, que detêm concessões leoninas de exploração contra o interesse nacional. Tudo fruto de negociatas de maus governos, homens que venderam a soberania nacional, afrontando a nação, acobertados pela impunidade.

Os preços aviltados de nossas matérias primas engordam mercados estrangeiros e enriquecem países que nos sugam e nos exploram. Segundo relatório do CNPq, elaborado por equipes técnicas do Ministério da Ciência e Tecnologia e pesquisas do Laboratório Nacional de Computação Científica, já em outubro de 1986, "encontravam-se registrados 60.720 lotes distintos do subsolo brasileiro, correspondendo a 1.624.555 km², representando 19% do território brasileiro, ou ainda o equivalente aos territórios da Alemanha Ocidental, França, Inglaterra, Espanha e Portugal reunidos. Na região Norte e na Região Centro-Oeste concentra-se a maior parte da área bloqueada do país, 65% do total, com respectivamente 976.553 km² e 337.021 km², representando uma superfície equivalente aos territórios dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Paraná reunidos. Os lotes do subsolo pertencem (ou estão requeridos) por pessoas físicas brasileiras ou empresas. As pessoas físicas brasileiras detêm 8% da área total em km² e 29% do número total das áreas bloqueadas.

As empresas controlam 92% da área total do subsolo em km² e 71% do número total de lotes bloqueados do subsolo. Nos lotes controlados por empresas; destacam-se os grupos econômicos, que detêm 65% do total da área em km² e 52% do número total, enquanto empresas isoladas, geralmente firmas individuais e limitadas, cujos sócios são diretamente pessoas físicas, detêm 22% da área em km² e 15% do total de lotes. Pela origem de capital dos grupos econômicos, definidos no trabalho, com um conjunto de empresas com o comando de um mesmo e único capital, constata-se que os grupos estrangeiros controlam sozinhos 401.757 km² ou 38,1% do total controlado por grupos econômicos, equivalente aos territórios dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Paraná reunidos. Quanto aos grupos nacionais, os estatais detêm 283.076 km² ou 26,9% do total em km² e os privados nacionais 35,0% ou seja 386.569 km²".

Segundo esse mesmo estudo, os 20 maiores grupos de capital de origem estrangeira controlam 95% da participação estrangeira em km². Os 5 maiores grupos detêm 77% de participação estrangeira e os 10 maiores grupos controlam 89% da participação estrangeira. As participações importantes do capital estrangeiro em km² localizam-se: - na Região Norte, em Rondônia (54%), Amapá (43%) e Amazonas (31%); - na Região Centro-Oeste, em Mato Grosso (70%) e Goiás (55%).

Além disso, esses grupos participam ainda na Região Nordeste, no Ceará (73%) e Bahia (38%); na Região Sudeste, em Minas Gerais (58%) e Espírito Santo (44%).

Esse o quadro de presença preponderante do ca-

pital estrangeiro na ocupação do subsolo brasileiro.

A orquestração internacional sobre a Amazônia, hoje, volta impetuosa e revigorada com o argumento da defesa do meio ambiente, que é preocupação comum, nos dias atuais, de toda a humanidade. No caso específico da Amazônia, como se pode perceber, essa orquestração disfarça os apetites dos interesses econômicos. Os grupos estrangeiros, que abocanham parcela significativa desse patrimônio nacional, são, por ordem de importância, os seguintes:

BP - British Petroleum/Brascan/Associados, 19 maior grupo estrangeiro, detendo 192.958 km² de lotes do subsolo, correspondendo a 48% do total de km² detidos pelos grupos estrangeiros. É de se salientar, segundo dados do CNPq, que só dispõe de 17 áreas com decreto de lavra para 1.774 pedidos de pesquisa e 2.854 alvarás de pesquisa.

Em segundo lugar, o grupo Anglo-American ocupa 12,7% do total, correspondendo a 51.067 km² e 1.527 lotes. Segue-se, em ordem de importância, Arbed-Broken Hill

Samuel Hill/Treasury Valley/Dunsam Inv
BRGM (SEREM)
Rhone Poulenc S.A.
INCO
Royal Dutch/Shell (Billiton)
South American Placers
Western Mining Corp.
Reynolds
Rio Tinto Zinc
Fluor Corp. (St. Joe Min)

Union Oil/Moreira Salles
 Gencor-Gen.Mining Union Corp.
 Molexa + Petroleum Resources
 Deltec Internacional
 Bunge Y Born
 Fordyce York & Littlefield
 Holderbank Financiere Glaris

No seu diagnóstico sobre "Quem é Quem" desses grupos estrangeiros, o trabalho técnico, acima referido, no livro "Recursos Minerais - Estudos e Documentos - volume 1, no capítulo Subsolo Brasileiro, às páginas 37, 2ª Edição, diz o seguinte:

"Em termos de sociedades organizadas no país, a BP-Brascan/Associados detêm 112 empresas quase todas de "papel", mas com 4 ramificações externas distintas:

- a) BP sozinha (a 100%). Para a faixa de fronteira detêm seis empresas em associação com pessoas físicas e jurídicas brasileiras, de forma a satisfazer formalmente a limitação de no máximo 49% do capital estrangeiro exigida na lei.
- b) BP Internacional através da norte americana SOHIO-STANDARD OIL OF OHIO e suas subsidiárias KENNE COTT/CARBORUNDUM com 4 empresas.
- c) BP associada (50% cada) com o grupo canadense Brascan na Holding Brascan Recursos Naturais, na sua quase totalidade com empresas de "papel".
- d) Brascan sozinha através da Noranda Mines, em associação com grupos brasileiros.

Percebem os leitores onde se situa a origem da imensa orquestração?

No âmbito da mineração, o subsolo passou em parte substancial ao controle externo, sobretudo em mãos de mineradoras que mantêm exploração em outras partes do mundo e que se empenham em impedir que o Brasil passe de importador a exportador. Isto explica porque, não obstante nosso riquíssimo subsolo, compramos fora mais dois terços dos minérios que consumimos. Além disso, o minério extraído aqui é exportado a preços vergonhosamente baixos. Não paga sequer o transporte.

Não obstante preços tão aviltados, a British Petroleum, a Sohio-Standard Oil, a Brascan Ltda., a Anglo-American (minas de ouro da África do Sul), associada a Bozzano Simonsen e outras, afluem e ocupam área mineral de 401.757 km², maior que os Estados do Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo somados (de acordo com Quem é Quem no Subsolo Brasileiro, de Francisco R. Chaves Fernandes e outros, CNPq. 1987).

As mineradoras estrangeiras também controlam a produção brasileira colecionando alvarás de pesquisa para inúmeras subsidiárias com capital de um cruzado, ou comprando extensas áreas. Dados do INCRA revelaram que 41 mil estrangeiros dispõem de 7,7 milhões de hectares do território nacional, sendo que a norte-americana Mabrine Ltd detém 213.000 ha improdutivos na Bahia.

O desenvolvimento da Amazônia, legítimo e necessário, tem que ser ecológico e não predatório. Mas esse desenvolvimento deve ser obediente a um projeto genuinamente nacional. Temos já maioria técnica suficiente para solução dos nossos problemas. A soberania nacional sobre a Amazônia é intocável. No futuro, no apogeu histórico de nossa grandeza, atenderemos à necessidade da humanidade e estaremos aptos a saciar as populações famintas de todo o globo.

Não admitimos ser apenas o pulmão do mundo, queremos ser o cérebro do mundo. Ufanismo? Não, pulmão é apenas uma víscera passiva, o cérebro, este sim, é a vida.

A cobiça internacional é um fato indesmentível. Ciclicamente, surgem planos mirabolantes de idéias de internacionalização da Amazônia, ou até de descabida ingerência nos seus destinos. Ninguém se esquece da célebre Hiléia Amazônica, que, muito bem adoçada, apenas tirava a Amazônia do controle brasileiro. Todos se lembram do banhuído futurólogo Herman Khan que, tendo suas células afundadas n'água, pretendia também, com seu fantástico lago Hudson, submergir as nossas riquezas. Ninguém jamais se esquece da esperançosa promessa da experiência da Forlândia, fracassada, mas se vitoriosa levar-nos-ia à dependência estrangeira. Esses, na época, foram fatos públicos, que geraram a orquestração naquele momento.

O deputado Bernardo Cabral, em recente pronunciamento na Câmara Federal sobre a Amazônia, relembra que já em 1968 levara aos anais do Congresso uma denúncia sobre o Lago Hudson, extraída de uma coincidência histórica vivida pelo deputado Adolpho de Oliveira. O parlamentar Adolpho de Oliveira - cor

riao ano de 1968 - viajava a bordo de um navio e ali encontrou um estrangeiro participante do seminário do Hudson Institute e que trazia consigo o dossiê do cientista Herman Khan sobre a formação do Lago Amazônico. Imediatamente, o parlamentar desceu aos porões do navio e sem que o estrangeiro suspeitasse tirou cópias xerox de todo o documento, passando-o, na época, às mãos do deputado Bernardo Cabral, que ao fazer a denúncia, a despeito de o país viver os anos negros da ditadura, teve apoio de alguns militares e impediu a ignominiosa operação.

Em parte ao recente pronunciamento de Cabral, o deputado Alcides Lima acrescentou denúncia mais grave e mais atual: referiu-se o parlamentar de Roraima ao Parque Yanomami, cuja área prevista de 4 milhões de hectares, ampliou-se para uma extensão de 10 milhões de hectares, depois que o projeto Radan-Brasil detectou na região riquezas até então desconhecidas. E foi mais fundo o deputado Alcides Lima: "os defensores desse Parque insistem no princípio da auto-determinação dos povos, atribuindo aos Yanomamis o uso exclusivo sobre as terras, pelo princípio da ocupação histórica. A área inicialmente prevista para a criação de um parque seria depois transformada na Nação Yanomami e governada de fora pela ONU ou então pelo clero internacional".

O interesse hoje do cantor inglês Sting não estaria ocultando os mesmos e sonhados intentos de transformar toda essa região, de imensas riquezas, em território intocável?

No caso específico do projeto Yanomami, o deputado Alcides Lima faz questão de frisar que assina essa proposição o senador Severo Gomes, mas a proposta original é do CPPY -

Yanom.

Sting

Comissão Pró-Criação do Parque Yanomami.

Tanto o cantor Sting quanto o senador podem estar ingenuamente defendendo idéias que escondem escusos interesses.

O projeto atual de internacionalização da Amazônia, além do endividamento proposital do país, da defesa da ecologia, dos direitos humanos e da dívida externa, envolvem principalmente a comunidade indígena. Será que nesse particular maquiavelicamente querem fazer do índio a "quinta coluna", ou seja, o inimigo do nosso território?

Exemplo mais flagrante da orquestração internacional sobre a preservação da Amazônia foi dado no final de fevereiro em Altamira, a 740 km de Belém, no coração da floresta amazônica, durante o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, que se transformou numa assembléia de representantes de exótica e estranha fauna, pois ali estavam desde militantes da UDR a defensores dos direitos humanos e da ecologia, misturados a um batalhão de 300 jornalistas do Brasil e do exterior, num festival surrealista no qual não faltou sequer a agressão da índia caiapó Tuíra ao diretor da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes. A pretexto de discutir a conveniência de construir a usina hidrelétrica de Cararaó, que inundará 1.225 km² de selva, a reunião transformou-se numa "festa" de lances os mais dramáticos, entremeados de gritos de guerra e ameaças de todas as proporções. O encontro, de altíssima repercussão internacional, deixou até agora o único e evidente resultado prático: a questão Amazônica é hoje o assunto mais empolgante e polêmico, que se liga à soberania brasileira, à questão da dívida externa e às preocupações ecológicas atuais.

Trabalho
Povo e Colônia

Encontro
Povo Indígena

- A G R E S S Ã O -

Oportuna foi a intervenção do deputado Rubens Branquinho na Câmara Federal sobre o tema "a Amazônia e a cobiça internacional". Lembrou o parlamentar acreano que as pressões que o Brasil vem sofrendo dos governos, das autoridades e organizações e personalidades estrangeiras têm como pretexto a preocupação ecológica, mas no fundo o que inquieta esses grupos é a exploração de nossas riquezas. Ele cita as duas maiores organizações de defesa do meio ambiente dos Estados Unidos, o National Wildlife Federation e o Environmental Defense Fundation, como proponentes oficiais da troca entre o perdão de parte da dívida externa do Brasil pelo compromisso de preservar a Amazônia. O presidente do BIRD - acusa o deputado Branquinho - já advertia que passará decididamente a vincular a liberação de empréstimo à proteção do meio ambiente.

O senador americano Albert Gore, diz o deputado, com o apoio de outros 8 senadores dos Estados Unidos, já apresentou projeto de lei acusando o governo brasileiro de promover o desenvolvimento da região amazônica de forma que ameaça todo o planeta. Propõe o senador a criação de incentivos para que o Brasil comece um processo de consultas internacionais urgentes, no sentido de formular um programa de conservação dos recursos da bacia amazônica.

Esses senadores propõem ainda que os organismos internacionais, como Banco Mundial, revejam todos os seus pro

jetos, para ter certeza de que nenhum deles é prejudicial à conservação da Amazônia.

O Congresso americano, por sua vez, de acordo com tal projeto, determinará que os diretores americanos em bancos e agências multinacionais de desenvolvimento sejam instruídas a pressionar para que qualquer empréstimo ao Brasil dependa da aprovação de uma política que respeite os imperativos do meio ambiente global.

A Associação Agir-ICI, segundo o deputado Br^uquinho, já anunciou em Paris a deflagração de uma campanha internacional pela preservação da Amazônia, em homenagem ao líder sindical e ecologista Chico Mendes.

Em veemente protesto feito da tribuna da Câmara Federal contra a pressão internacional sobre a Amazônia, a deputada Raquel Cândido (PDT-Rondônia) afirmou que já em julho de 1981 organismos internacionais traçaram diretrizes e planos estratégicos para agredir frontalmente o princípio de soberania brasileira. Ao relacionar documentos que comprovam esta afronta à nossa auto-determinação, a parlamentar, entre outras denúncias, levou ao conhecimento da Câmara o texto de uma carta datada de 18 de maio de 1988, dirigida pela Fundação Ford ao finado Chico Mendes. Diz a carta:

"Prezado Chico,

Esta carta é para informá-lo da viagem que pretendo realizar ao Acre, no próximo mês de junho, a fim de visitar as entidades que estão sendo apoiadas por esta Fundação.

Nessa oportunidade, gostaria de passar um tempo com você e outras pessoas do Conselho dos Seringueiros para acertar detalhes das atividades em curso e responder a quaisquer dúvidas que teria para resolver.

Pretendo passar de 17 a 21 de junho no Acre, e gostaria que você me informasse qual o dia que seria mais conveniente para reunir-me com o pessoal do Conselho. Entrarei em contato com você por telefone, em breve, para confirmar esta programação.

Atenciosamente,

Peter H. May
Assessor de Programas

A documentação relacionada pela deputada mostra que são líderes do movimento internacional:

- a) Le Comité International de la Defense de l'Amazonie;
- b) Inter-American Indian Institute;
- c) The International Ethnical Survival;
- d) The International Cultural Survival;
- e) WCRKGRCUP for Indigenous Affairs;
- f) The Berna Geneve Ethnical Institute e este Conselho Coordenador."

Essas instituições, acusa a deputada, atuam com absoluta desenvoltura em nosso país e seus "testas de ferro" e "inocentes úteis" cumprem à risca suas determinações. Tais dire-

trizes e determinações foram estabelecidas em Berna, na Suíça, na quela data. E assim estão redigidas:

" - A Amazônia total, cuja maior área fica no Brasil, mas compreendendo também parte dos territórios venezuelano, colombiano e peruano, é considerada por nós como um patrimônio da humanidade. A posse dessa imensa área pelos países mencionados é meramente circunstancial, não só por decisão de todos os organismos presentes ao Simpósio, como também por decisão filosófica dos mais de mil membros que compõem os diversos Conselhos de Defesa dos índios e do Meio Ambiente.

- É nosso dever : defender, prevenir, impedir, lutar, insistir, convencer, enfim esgotar todos os recursos que, devida ou indevidamente, possam redundar na defesa, na segurança na preservação desse imenso território e dos seres humanos que o habitam e que são patrimônio dos países cujos territórios, pretensamente, dizem-lhe pertencer.

- É nosso dever impedir em qualquer caso a agressão contra toda a área amazônica, quando essa se caracterizar pela construção de estradas, campos de pouso, principalmente quando destinados à atividade de garimpo, barragem de qualquer tipo ou tamanho, obras de fronteira civil e militar.

- É nosso dever manter a floresta amazônica e os seres que nela vivem, como os índios, os animais silvestres e os elementos ecológicos, no estado em que a natureza os deixou antes da chegada dos europeus.

- Para tanto é nosso dever evitar a formação de pastagens, fazendas, plantações e culturas de qualquer tipo que possam ser consideradas como agressão ao meio.

- É nosso dever promover a reunião das Nações indígenas em união de Nações, dando-lhes forma jurídica definida. A forma jurídica a ser dada a tais nações incluirá a propriedade da terra, que deverá compreender o solo, o subsolo e tudo que neles existir, tanto em forma de recursos naturais renováveis como não renováveis.

"O cinismo dessas colocações é de espantar - estranha a deputada - como pode ser possível que o nosso governo não se tenha manifestado sobre essas reuniões internacionais?". E acrescenta : concito as Forças Armadas que se organizem e opinem em nome do território nacional, porque, afinal de contas, a Amazônia é do Brasil".

Como vêem, a Amazônia sempre foi decantada como uma reserva para o futuro, mas é nesse futuro que repousa o grande perigo. Pretendem guardar intocável a fabulosa riqueza, para, num momento político internacional mais propício, atacar frontalmente nossa soberania. Desde o descobrimento, em 1.500, a literatura do exagero não cessou sobre a região, e, até hoje, dormimos "deitados em berço esplêndido...".

- G U E R R A -

A única coisa importante que nos perturba - e também a razão fundamental de todos os nossos infortúnios - é a dívida externa, que detém o nosso desenvolvimento.

O que aconteceria se nós pudessemos pagar a dívida externa? Os países ricos perderiam o fluxo contínuo de capital e também a força de pressão sobre os nossos assuntos internos, daí tudo fazerem para impedir que os recursos da Amazônia, explorados pelos brasileiros, sejam canalizados para o pagamento da dívida. Tanto é verdade que eles querem bancar o desenvolvimento da Amazônia que propõem a quitação de parte da dívida em troca de assumirem o controle da destinação da região.

Há que se dar um basta nisso. E já. Só terá fim a orquestração cíclica contra a Amazônia se agirmos drasticamente, com determinação, abnegação e muito patriotismo. Temos que, imediatamente, sepultar as estéreis discussões sobre a questão amazônica e, com coragem e visão, revolucionar a política administrativa com que o Brasil tem tratado o futuro da rica região.

A união de idéias e propósitos dos brasileiros é fundamental. A única nação que pode conquistar a Amazônia é o Brasil e o brasileiro é o único povo ao qual cabe esse direito.

Guerra é a palavra de ordem, Guerra à ocupação estrangeira. Guerra ao imperialismo dominador. Guerra à estagna-

ção. Guerra à exploração predatória. Guerra à cobiça internacional.

Essa declaração de guerra deve ser o documento inicial dos fundamentos aos quais se adequarão todos os projetos e planos para uma ação global de tomada de posição.

São premissas para essa tomada de posição :

- Criação de Ministério Especial de Desenvolvimento da Amazônia, com sede no centro geográfico da região.

- Concentração nesse Ministério de todos os órgãos executivos hoje localizados nas diversas pastas ministeriais.

- Criação em pontos estratégicos da fronteira da Amazônia Legal com os países limitrôfes de ZPE's - Zona de Processamento de Exportações.

- Fortalecimento do INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, entregando à sua jurisdição os demais órgãos científicos ligados a projetos da região.

- Combate sistemático ao contrabando dos recursos do solo e subsolo da Amazônia.

- Definição de uma política global de desenvolvimento para a Amazônia Legal e Amazônia continental.

- Prosseguimento imediato da rodovia que ligará a Amazônia ao Pacífico, através do Peru.

- Criação de um banco de desenvolvimento das nações amazônicas para dar suporte a um plano racional de exportação e importação dos recursos e necessidades da área.

- Criação de um Fundo para incrementar o desenvolvimento da região.

- Criar mecanismos de fiscalização permanente e rigorosa sobre todo o processo extrativo dos recursos da região.

- Revisão de todas as concessões feitas a estrangeiros e brasileiros para a exploração dos recursos minerais.

- Revisão da legislação tributária incidente nas propriedades da região.

- Criação de mecanismos que estabeleçam padrões específicos para a área no tocante às tarifas alfandegárias, câmbio e moeda.

- T R A I Ç Ã O -

O desenvolvimento da Amazônia jamais será alcançado enquanto os militares, os políticos, os planejadores, os empresários, os trabalhadores e toda a Nação brasileira não atentarem para a necessidade de uma ação conjunta de conscientização nacional, que nos leve a todos a uma só operação de guerra para a sua definitiva conquista.

Em razão de sua extensão e sua localização geográfica, nessa operação de guerra papel fundamental e importante caberá às Forças Armadas brasileiras. Seus recursos no ar, na terra e na água não poderão faltar na guerra que se vai mover com a união dos esforços de todos os brasileiros. Além da missão constitucional que lhes impõe a Carta Magna de 1988, a nação delas reclama o emprego de seus efetivos, de seus meios e recursos para, numa divisão equânime, empenhar-se na missão grandiosa de conquista geo-sócio-econômica da Amazônia. Assim, aos militares caberá também a responsabilidade de viabilizar projetos na área de transportes, educação, saúde, combate ao contrabando, exploração racional do solo e subsolo e outras missões afetas aos civis.

Providências esparsas, isoladas e tímidas não resolvem o problema global da Amazônia. Há de ser somente com providências extremadas, simultâneas e objetivas que vamos alcançar o controle do seu contexto econômico e social, e, então, estaremos criando as condições para podermos saldar soberanamente

a famigerada dívida externa, essa montagem arditosa da cobiça internacional mancomunada com a traição dos maus brasileiros, que a contraíram.

Nossa vulnerabilidade - o endividamento externo - foi, a nação conhece, propositadamente preparada, arranjada e arquitetada em conluios entre a tecno-burocracia que nos governava e os abutres dos interesses alienígenas. Militares ingênuos aliados à burguesia faminta de golpes e negociatas transacionaram com os banqueiros imperialistas a soberania da Amazônia, aceitando com a garantia do carreamento dos seus recursos e do aval de sua intocabilidade pelos brasileiros. Era o milagre brasileiro, com o corolário do derrame desordenado de empréstimos para tudo o que se pudesse imaginar, dando ao povo brasileiro a falsa idéia do bem estar social.

Qualquer Comissão Parlamentar de Inquérito no Congresso Nacional sobre a Amazônia não pode deixar de examinar concomitantemente o problema da dívida externa. A Nação está a espera dos esclarecimentos daqueles que participaram da dilatação da dívida externa e dos que promoveram o Milagre. O problema da Amazônia é global e nele deve estar interessada toda a comunidade, envolvendo trabalhadores, empresários, políticos, militares e governos, além da comunidade científica, estudiosa dos assuntos nacionais, que também não podem alheiar-se da magna questão da dívida, razão de todo o nosso sofrimento.

O governo que se finda enfrenta uma enorme campanha de desmoralização e seus ministros são tidos como homens

superados que nenhuma contribuição têm a dar para a solução desses dois problemas : a Amazônia e a dívida.

Cabe-nos, portanto, agora, cobrar dos candidatos que se apresentarem para disputar a Presidência da República nas próximas eleições de 15 de novembro, uma posição firme e definitiva sobre a questão da Amazônia, a ecologia e a dívida externa.

A Amazônia está grávida de riquezas fabulosas, que pagam 10 vezes a nossa dívida externa, além de nos conduzir a uma superioridade política internacional. Mas não podemos esperar passivamente a delivrance; o aborto tem que ser feito já.

Os recursos minerais do subsolo da Amazônia -
- até agora descobertos - somam reservas quase inesgotáveis.

Faz-se necessário que a Nação conheça o inventário real dos grandes projetos que se desenvolvem na Amazônia , entre os quais se contam :

I - PROJETO CARAJÁS, cujas jazidas de minério de ferro descobertas em 1967 situam-se no Estado do Pará, a 550 km de Belém, na serra dos Carajás, a oeste de Marabá, cujas pesquisas revelaram uma cubagem de 18 bilhões de toneladas de minério, com teor médio de 66,7% de ferro em base seca, ouro, cobre e bauxita.

II - PROJETO ALUNORTE-ALBRÁS, cujo complexo se localiza em Ponta Grossa, município de Barcarena, Estado do Pará, proximidades de Belém, para aproveitamento de bauxita de Oriximiná, no rio Trombetas, de Almerim e Paragominas.

III - PROJETO DENDÊ - Projeto piloto - com cultivo de 1.500 hectares, sob a responsabilidade técnica do IRHO - Institute de Rechercher Pour Les Huiles e Oleagineux de France, entidade de renome mundial.

IV - PROJETO TROMBETAS, no município de Oriximiná, Estado do Pará, ocupando uma área de 90.000 ha, a cargo da Companhia de Mineração Rio do Norte, com investimento total da ordem de 300 milhões de dólares, com incentivos fiscais da SUDAM de cerca de 207 milhões de cruzeiros, (ã época de sua implantação), para produção de bauxita lavada e seca. Tal projeto destina sua produção à industrialização no complexo Alunorte-Albrás, em Carcarena. As reservas de bauxita, avaliadas nas 33 jazidas existentes numa área de 62.000 hectares, com teor de 50% de alumina aproveitável, foram estimadas em 1,3 bilhão de toneladas, garantindo uma vida útil de 140 anos para o empreendimento.

V - PROJETO JARI, situado nos municípios de Almerim, no Pará, e Mazagão, no Amapá, às margens do rio Jari. De uma posse efetiva de 400.000 ha, a Jari Florestal Empreendimentos Ltda., ex-proprietária do Projeto, já ocupava irregularmente uma área de 2.279.000 ha, sendo 1.700.000 no Pará. Essa irregularidade, denunciada no Congresso Nacional, revelou a omissão governamental e obrigou o sr. Ludwig a vender o seu patrimônio a capitalistas nacionais. Essa fabulosa negociata, que foi uma grande ameaça ao Brasil, constituía-se de um complexo de atividades e subprojetos a saber :

a) Projeto Florestal - objetivando um florestamento de 200.000 ha, para fornecimento de madeira às fábricas de

polpa, papel, laminados, compensados, chapas de fibra. As plantações chegaram a ocupar 100.000 ha.

b) Rizicultura - objetivando a cultura de arroz irrigado em 14.000 ha de várzeas, a razão de 2.000 ha por ano. Esse projeto contou com incentivos da Sudam e se destinava prioritariamente à exportação.

c) Pecuária - era um projeto de sustentação dos demais projetos, com experimentos de cruzamento com gado Charolês e Hereford. Esse projeto chegou a ter 4.000 cabeças num rebanho bubalino criado nas várzeas e na ilha Camandahy, no rio Amazonas; um rebanho de bovinos de 7.000 cabeças e um rebanho de 1.500 vacas nelore.

d) Experimentos agrícolas - com estação experimental própria, foram feitos experimentos com novas variedades de arroz e pesquisas com sorgo, milho, soja e feijão nas várzeas e nas terras altas. Também se fizeram experimentos com espécies diferentes de peixes, em viveiros de 1 ha cada além de pesquisa com mandioca.

e) Subproduto Caulim, desenvolvido por empresa subsidiária, a Caulim da Amazônia Ltda. objetivando produzir o pigmento, explorando uma reserva comprovada de caulim, em mina a céu aberto, de 50 milhões de toneladas.

f) Subproduto celulose - o de maior vulto dentro do âmbito global do Projeto Jari, com investimentos nas usinas de pasta Kraft branqueada (celulose) e nas indústrias de laminados, compensados e de serraria, com investimentos da ordem

de 319 milhões de dólares.

A par desses projetos todos, é também motivo de preocupação a região dos grandes vales, que são quatro:

- 1 - Vale do Tocantins;
- 2 - Vale Xingu-Tapajós;
- 3 - Vale do Madeira, e,
- 4 - Vale do Rio Branco (Roraima)

Há igualmente que se detectar a vocação de cada uma dessas regiões, na busca de um plano básico de desenvolvimento de atividades produtivas que possam integrá-las às economias regional e nacional sem fugir à idéia da melhor maneira de preservar a sua ecologia.

O futuro da região amazônica deve ser decidido na área do conhecimento científico. Os desenvolvimentistas devem aliar-se aos preservacionistas e cada um desses segmentos terá que se submeter às razões científicas do que fazer com a Amazônia. O Brasil não pode sujeitar-se às exigências do primeiro mundo, que nos pressiona contra o desenvolvimento, depois que, durante séculos, só fizeram devastar florestas, dizimar índios, liquidar faunas preciosas e infestar a atmosfera com os tóxicos de suas fábricas, os gases de suas chaminés, de seus carros e o lixo atômico de suas explosões nucleares.

Mas o Brasil, por outro lado, em nome do progresso, também não deve destruir aquele santuário que a natureza nos doou. A verdade é que só devemos mexer na Amazônia depois de

a conhecermos, mas isso é urgente, não se pode perder um minuto sequer. Daí a razão para declararmos já e agora a guerra para a sua conquista, num movimento de união nacional para defendê-la, estudá-la, explorá-la, preservá-la e conservá-la.

Todos aqueles que hoje bradam contra o Brasil e nos acusam de predadores e de responsáveis pelo envenenamento da atmosfera são os mesmos, que, no passado, lideraram a destruição desordenada da natureza em todos os continentes. Testemunho mais eloquente dessa denúncia, vamos buscar, em homenagem à Amazônia, como meio, e ao índio, como seu primeiro habitante, o clamor angustiado do cacique Seato, da tribo Dahonichi, que em 1855 - há mais de um século - se dirigiu ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Pearson, para fazer seu último rogo diante do estertor que antevia para a sua gente. É um documento de raríssima beleza, impregnado de uma emocionante lição de vida, de enorme sabedoria e de uma atual e vibrante aula de ecologia. O lamento altivo do índio está na carta traduzida para o português pelo prof. Manoel Ferraz de Abreu, ex-diretor da Fundação Cultural do Distrito Federal:

CARTA DO CACIQUE SEATO DIRIGIDA AO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA DO NORTE EM 1855

O CACIQUE SEATO PERTENCIA À TRIBO
DAHONICHI.

O PRESIDENTE ERA FRANKLIN PEARSON

Trad. Prof. Manoel Ferraz de Abreu

O grande chefe de Washington mandou dizer - nos
que deseja comprar nossas terras.

O grande chefe de Washington assegurou-nos, tam-
bém, de sua amizade e benevolência. Isto é gentil da parte dêle,
pois sabemos que êle não precisa da nossa amizade. Vamos porém
pensar em sua oferta, pois sabemos que, se não o fizermos, o ho-
mem branco virá com suas armas e tomará nossas terras.

O grande chefe de Washington pode confiar no
que o chefe Seato diz, com a mesma certeza com que os nossos ir-
mãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano. Mi-
nhas palavras são como as estrelas, elas não empalidecem nunca.

Como podes comprar ou vender o céu e o ca-
lor da terra? Tal é a idéia que nos parece muito estranha.. Se
não somos donos da pureza do ar, ou do resplendor da água, como
podes comprá-los?

Cada torrão desta terra é sagrado para o meu
povo. Cada fôlha reluzente do pinheiro, cada praia arenosa, cada
véu de neblina, na floresta escura, cada clareira e inseto a zum-
bir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

A seiva, que circula nas árvores, carrega consigo as recordações do índio.

O homem branco esquece a sua terra natal e, depois de morto, sai a vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa terra, pois ela é mãe do índio. Somos parte dela e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. As cristas rochosas, o verde das campinas e o calor que emanava do corpo do mustang e o homem são todos irmãos. Tudo pertence à mesma família.

Portanto quando o grande chefe de Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, ele exige muito de nós. O grande chefe manda dizer que irá reservar um lugar para nós; um lugar em que possamos viver confortavelmente. Ele será o nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto vamos considerar a sua oferta de comprar a nossa terra, mas, não vai ser fácil não, porque esta terra é para nós muito sagrada. Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas, sim, sangue de nossos ancestrais. E, se te vendermos a nossa terra terás de lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que ela é sagrada e, que cada reflexo espectral na água límpida dos lagos, conta os eventos e as recordações de meu povo. O rumorejar da água é a voz do pai do meu pai. Os rios são nossos irmãos, eles apagam a nossa sede. Os rios transportam as nossas canoas e alimentam os nossos filhos.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele, um pedaço de terra é igual a outro pedaço de terra, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo que necessita.

A terra não é sua irmã, mas, sim, sua inimiga e, depois de conquistá-la, ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seus antepassados e não se importa. Arrebata a terra das mãos de seus filhos e também não se importa. Ficam esquecidas as sepulturas de seus pais e o direito de seus filhos à herança. Ele trata a sua mãe, a terra, e o seu irmão, o céu, como as coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelhas ou missangas cintilantes. A sua voracidade arruinará a terra um dia, deixando para trás apenas um grande deserto.

Não sei. Nossos modos são diferentes dos teus.

A vista de tuas cidades causa tormento aos olhos do índio, um selvagem que nada entende. Não há sequer um lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há um lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera, ou o tinir de asas de um inseto, mas talvez assim seja por ser eu um selvagem, e que nada compreendo. O barulho parece apenas insultar os nossos ouvidos. E que vida é aquela, se o homem não pode ouvir a voz solitária do curiango ou, de noite, a conversa dos sapos à volta de um brejo?

Sou índio e nada compreendo. O índio prefere o suave sussurro do vento a sobrevoar a superfície de uma lagoa e o cheiro do próprio vento purificado por uma chuva de meio dia, ou rescendendo a pinheiros. O ar é precioso para o índio, porque todas as criaturas respiram em comum: as árvores, os animais e o homem. O homem branco parece não perceber o ar que respira, como um moribundo, em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido.

Mas, se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar reparte o seu espírito com toda a vida que ele sustenta.

O ar que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sôpro de vida, também recebe do nosso último suspiro... E, se te vendermos a nossa terra, deverás mantê-la reservada feito santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear a brisa adocicada com a fragrância das flôres silvestres.

Assim pois, vamos considerar a tua oferta para comprar a nossa terra. Se decidirmos aceitar, farei uma condição: O homem branco deverá tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos. Sômos selvagens e desconhecemos que possa ser de outra maneira.

Tenho visto milhares de bisões apodrecendo nas pradarias, abandonados pelo homem branco, que os abatia a tiros disparados do trem em movimento. Um selvagem não compreende como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o bisão, que nós, os índios, só abatemos apenas para o nosso sustento, para o sustento de nossas vidas.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito um dia, porque tudo quanto acontece aos animais, logo acontece ao homem. Tudo está relacionado entre sí. Deves ensinar a teus filhos que o chão debaixo de seus pés é feito de cinzas de nossos antepassados.

Para que tenham respeito aos pais, conta a teus filhos que as riquezas da terra são as vidas da parentela nossa. Ensina a teus filhos o que temos ensinado aos nossos: que a terra é a nossa mãe e que tudo quanto fere a terra fere os filhos da terra. Se o homem cospe no chão, cospe sôbre ele próprio.

De uma coisa sabemos: a terra não pertence ao homem, é o homem que pertence a terra. Disto temos certeza.

Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família, tudo está relacionado entre si. Tudo quanto agride a terra agride os filhos da terra.

Não foi o homem quem teceu a trama da vida, ele é meramente um fio da mesma. Tudo que ele fizer à trama, a si próprio fará.

Os nossos filhos viram os seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem ao peso da vergonha, e depois da derrota, passam o tempo em ócio, envenenando o corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes. Não tem grande importância, onde passaremos os nossos últimos dias, eles não serão muitos, mais algumas horas, mesmo uns invernos. Nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra, ou que tenham vadeado, em bandos pelos bosques, sobrarão, para chorar sobre os túmulos, um povo que foi tão poderoso e cheio de confiança, como o nosso!...

Nem o homem branco, que tem um Deus que com ele passeia e conversa, como de amigo para amigo, pode ser isento do grande destino comum.

Poderíamos ser irmãos, apesar de tudo.

Vamos ver. De uma coisa sabemos, é que o homem branco venha talvez um dia a descobrir : o nosso Deus é o mesmo Deus. Talvez julgues, agora, que possas possuí-lo, do mesmo jeito que desejas possuir a nossa terra, mas não podes. Ele é o Deus da humanidade inteira e tem piedade para com o índio e o homem branco. Esta terra é querida por Ele e causar dano a ela é cumular de desprezo o Criador.

Os brancos vão acabar um dia, talvez mais cedo do que todas as outras raças. Continuas poluindo a tua cama e

hás de morrer, uma noite, sufocado em teus próprios dejetos.

Esse destino é para nós um mistério, pois, não podemos imaginar como será, quando todos os bisões forem massacrados, os cavalos bravios domados, as brenhas das florestas carregadas com o odor de muita gente e a vista das velhas colinas empanadas por fios que falam. Onde ficará o emaranhado da mata? Tudo terá acabado. Onde estará a águia? Irá acabar. Restará, por Deus, o ninho e a caça. O fim da vida é o começo da luta pela sobrevivência.

Compreenderíamos talvez, se conhecessemos com que sonha o homem branco, se soubessemos quais as esperanças que transmitem aos seus filhos nas longas noites de inverno, quais as visões do futuro que oferecem às suas mentes, para que possam formar desejos para o dia de amanhã.

Somos porém selvagens. Os sonhos do homem branco são, para nós, ocultos e por serem ocultos temos de escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos em vender as nossas terras será para garantir a reserva que ele nos promete. Lá, talvez, possamos viver nossos últimos dias, conforme desejamos. Depois que o último índio tiver partido e a sua lembrança não passar de uma núvel a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará vivendo nestas florestas e praias, porque nós a amamos como o recém nascido ama o coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amamos, protege-a como nós a protegíamos. Nunca te esqueças de como era a terra, quando dela tomastes posse. E, com toda a tua força, teu poder e teu coração, conserve-a para os teus filhos e ama-a como nós e como Deus nos ama a todos. De uma coisa sabemos : o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é por Ele amada e nem mesmo o homem branco pode evitar

o ~~no~~osso grande destino comum.

"As terras do cacique SEATO são hoje a capital dos
Estados Unidos, Washington."

~~Professor~~ MIGUEL CRUZ E SILVA
~~Harvey~~ PARK HOTEL, Ap. 1112
~~Telefone~~: 223-9800